

O coração de São Paulo se agita na véspera

O coração de São Paulo bateu mais forte ontem. E dessa vez não foi apenas por causa do tradicional corre-corre do centro da cidade. Não se falou em outra coisa que não fosse a eleição presidencial. E, às vésperas de colocar o voto na urna, os paulistanos saíram à caça de adesões para seus candidatos. Como? Isso ficou por conta da criatividade. Onde? O povo escolheu as praças.

Venda de remédios milagrosos, exibição de grupos de forró, ciganas e marreteiros. O cenário da praça da Sé parecia o mesmo de todos os dias. Mas, embaixo da palmeira que fica do lado esquerdo da Catedral, o assunto era: qual o melhor candidato? Uma discussão que sempre acaba em bate-boca, principalmente quando no meio de um grupo de petistas alguém tem coragem de gritar: "É Collor".

Foi o que fez o ferramenteiro Dorival Gonçalves, 44 anos, que não pode "ouvir falar" no metalúrgico Luís Inácio Lula da Silva. A reação veio do brizolista, Benedito Peres, um calmo advogado, que parece também não poder ouvir falar no primeiro colocado nas pesquisas. "Quem é esse homem", indagou irritado. "É o dono de Alagoas", respondeu o ferramenteiro, antes de sair rapidinho do centro da roda.

Bastante apressado, o vendedor Dirceu Arantes parecia sem tempo para participar de discussões, mas não para divulgar seu candidato.

Há um mês, quando decidiu votar em Mário Covas, sempre que sai para a rua não esquece seu chapéu de palha, onde colou vários adesivos do candidato. A campanha pode parecer solitária, mas o vendedor afirma que é "eficiente".

Há 12 anos, o engraxate Geraldo Godoi trabalha na Sé e garante que desde que chegou à praça não ouve falar de outra coisa que não seja "política e religião". Apesar disso, Godoi ainda estava em dúvida se Silvio Santos é ou não candidato. E, enquanto deixava o sapato do advogado Paulo Ambrósio brilhando, foi informado que o animador está fora do páreo.

Saindo da praça da Sé e pegando a rua Direita, parece que nem existe eleição. A grande preocupação das dezenas de marreteiros que ocupam a rua é juntar a mercadoria e fugir da fiscalização da Prefeitura, que alguém avisa estar chegando. Mas logo que se entra na praça do Patriarca se escuta: "Arrrrrrranhe e ganhe". O grito de guerra de Milton Ferreira da Silva, vendedor de carnes do Báu da Felicidade.

Eleitor de Silvio Santos, Silva disse que ficou triste quando a candidatura de seu patrão foi "impurguinada" (sic). "Não tem importância. Perdi o candidato, mas estou vendendo até 15 carnes por dia, quando o normal era dois ou três. Tô faturando por mês NCz\$ 5 mil", diz sorridente Silva, que espera ser eleito o "campeão de vendas do mês", mesmo que seja às custas da frustrada candidatura de seu patrão.

A caminhada solitária do mendigo Manoel Venâncio da Silva pelo viaduto do Chá chama a atenção. Apesar de vestir uma suja camiseta de propaganda de Collor de Mello, ele não tem a mínima noção que hoje é dia de eleição. "Me deram essa camiseta e disseram: veste." E o mendigo vestiu.

Poucos metros mais adiante um outro mendigo consegue roubar a atenção de quem passa apressado: o "profeta" Rubens, que garante ter recebido uma mensagem que "Lula será o presidente". Mas, desde que decidiu colocar umas faixas de propaganda do candidato na rua, reclama que "os tubarões não me deram mais nem um tostão de esmola". E o protesto contra esses "tubarões" o mendigo escreve com caneta vermelha na calçada.

Se o "profeta" Rubens recebeu uma mensagem do além sobre o futuro vencedor da corrida ao Planalto, Vera Maria Soares, que há 13 anos lê a sorte, preferiu recorrer aos búzios para descobrir quem tem mais chances. A resposta ela garante que foi "entre Collor e Maluf". Mas seu voto Vera não declara, pois afirma que ainda está indecisa.

Mais uma praça. Dessa vez é a Ramos de Azevedo, onde a militância petista se instalou e o segurança Manoel Silveira de Oliveira Filho berra que o candidato do PT é o melhor. Ignorando a barulheira dos petistas, os militantes de Covas e Brizola defendem apenas o espaço para venda de material de campanha. Enquanto isso, a "margarida" Maria Sueli Ribeiro da Silva tenta varrer a propaganda do candidato, espalhada pelo chão, que o vento a todo momento faz voar. Maria disse que ainda não escolheu seu candidato, mas sorri quando alguém coloca um adesivo de Covas em sua vassoura.

Quando se chega à praça da República, a sensação é de que não estamos às vésperas da escolha do futuro presidente. As pessoas andam rapidamente. Mas, no trânsito congestionado, os carros trazem nos seus vidros adesivos dos candidatos. Novamente se lembra que hoje é dia de eleição.

Vera Freire



Laludi/AE